

A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DA ATLETA TATYANE AMARO SANTOS: DA INICIAÇÃO À PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO

Richelle Moraes dos Santos¹

Mayrhon José Abrantes Farias²

Adriano Lopes de Souza³

RESUMO: O estudo tem como objetivo analisar a trajetória esportiva de uma atleta de futebol feminino profissional. Metodologicamente, recorreremos aos pressupostos da história oral, com abordagem qualitativa. Realizou-se uma entrevista temática baseada na história de vida da atleta Tatyane Amaro Santos. Os resultados apontaram que para seguir uma carreira atlética, a entrevistada precisou enfrentar inúmeras questões de preconceito de gênero em diferentes épocas e espaços (familiar, escolar, profissional). Concluímos que tais questões estão enraizadas no futebol feminino, cujo talento não é suficiente para uma atleta lograr êxito na referida carreira, exigindo-lhe um investimento significativo não apenas na performance física, mas, também socioemocional.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol feminino. Gênero. Carreira atlética.

THE SPORTS TRAJECTORY OF ATHLETE TATYANE AMARO SANTOS: FROM INITIATION TO THE PROFESSIONALIZATION OF WOMEN'S FOOTBALL

ABSTRACT: The study aims to analyze the sports trajectory of a professional female soccer athlete. Methodologically, we employ the assumptions of oral history with qualitative approach. A thematic interview was conducted based on the life story of athlete Tatyane Amaro Santos. The results pointed out that in order to pursue an athletic career, the interviewee had to face numerous gender prejudice issues in different periods and spaces (family, school, professional). We conclude that such issues are deeply rooted in women's soccer, where talent alone is not sufficient for an athlete to succeed in her career, demanding significant investment not only in physical performance but also in socioemotional aspects.

KEYWORDS: Female soccer. Genre. Athletic career.

¹ Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: richellemoraes@mail.uft.edu.br. Tocantinópolis, Tocantins.

² Doutor em Educação Física pela Universidade de Brasília. Docente da Universidade Federal do Maranhão. Membro do Núcleo de Investigação Multidisciplinar em Educação Física (NIMEF), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: mayrhon@mail.uft.edu.br. São Luís, Maranhão.

³ Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Docente da UFNT. Membro do NIMEF/UFNT. E-mail: adriano.souza@ufnt.edu.br. Tocantinópolis, Tocantins.

LA TRAYECTORIA DEPORTIVA DE LA ATLETA TATYANE AMARO SANTOS: DESDE LA INICIACIÓN HASTA LA PROFESIONALIZACIÓN DEL FÚTBOL FEMENINO

RESUMEN: El estudio tiene como objetivo analizar la trayectoria deportiva de una jugadora profesional de fútbol femenino. Metodológicamente, recurrimos a los presupuestos de la historia oral, con enfoque cualitativo. Se llevó a cabo una entrevista temática basada en la historia de vida de la jugadora Tatyane Amaro Santos. Los resultados señalaron que, para seguir una carrera atlética, la entrevistada tuvo que enfrentar numerosas cuestiones de prejuicio de género en diferentes épocas y espacios (familiar, escolar, profesional). Concluimos que dichas cuestiones están arraigadas en el fútbol femenino, donde el talento por sí solo no es suficiente para que una jugadora tenga éxito en su carrera, lo que requiere una inversión significativa no solo en el rendimiento físico, sino también en aspectos socioemocionales.

PALABRAS CLAVE: Fútbol femenino. Género. Carrera atlética.

Apito inicial

No Brasil há uma narrativa histórica de que futebol foi se constituindo como um esporte predominantemente masculino, no qual a trajetória das mulheres foi tornando-se quase que invisível nesse campo. Ora, apesar de sermos considerados como o país do futebol, observa-se que as mulheres nunca foram inseridas nesse contexto de forma igualitária aos homens (Silveira; Carneiro; Silva, 2016).

Segundo Ferreira *et al.* (2021), o futebol feminino teve início no Brasil em meados da década de XX, e por mais que isso nos remeta a muito tempo, as barreiras e preconceitos enfrentadas por elas persistem até a atualidade. Neste contexto, é preciso ter presente que elas já foram impedidas de praticarem esse esporte, pois era considerado muito agressivo e isso poderia supostamente afetar sua feminilidade. Porém, com o passar o tempo, essa imagem foi desvinculando-se, no intuito de utilizar a erotização do corpo feminino como fonte de lucro no meio esportivo, mas não se obteve sucesso e isso corroborou com o desinteresse por investir-se nessa modalidade esportiva (Goellner, 2005b).

Historicamente, é preciso ter presente que as mulheres vêm tentando conquistar espaços em locais que são considerados quase que

restritamente masculinos, tal como o acesso ao futebol feminino profissional, o qual não dispõe da mesma visibilidade e aportes financeiros que tem o masculino, aumentando a dificuldade de lograr êxito neste espaço (Souza; Ramalho, 2021).

Ora, se os atletas homens precisam vencer um conjunto de adversidade para conseguir acesso a um time profissional, pode-se articular que as atletas mulheres, usufruindo de pouca visibilidade e recursos, acabam sofrendo ainda mais nesse processo de transição. Segundo Souza e Ramalho (2021), existe uma diferença de mercado, características corporais e biológicas, devendo-se criar um universo próprio para o futebol feminino e não estar sempre associadas ao futebol masculino.

Com efeito, apesar das inúmeras barreiras sociais, as mulheres se mantiveram firmes na tentativa de buscar um maior reconhecimento no futebol e lutar por condições mais igualitárias.

Segundo Brum, Nascimento e Pereira (2019), a regularização da profissionalização do futebol feminino ocorreu a partir da Lei nº 9615/98, conhecida como Lei Pelé, o que acarretou mudanças nessa modalidade esportiva, porém, ela só se tornou visível e passou a atrair mais insumos após a seleção Brasileira conseguir conquistas dentro das quatro linhas, apesar da desigualdade latente com o futebol masculino.

A Copa do Mundo de Futebol feminino realizada na França em 2019, por exemplo, representou um marco para a modalidade, em virtude de vários protestos das atletas exigindo maior reconhecimento, igualdade e melhoria nos salários, com destaque para uma campanha publicitária da atleta multicampeã Marta Vieira da Silva, reivindicando uma igualdade de gênero nesse esporte, com a realização de mais campeonatos, copas, ligas e um maior estímulo à profissionalização, encorajando-as a não desistirem da profissão.

Assim, se o esporte se traduz como um importante elemento para a promoção de uma maior visibilidade das mulheres no espaço público e se, ao longo da história do esporte nacional, houve a projeção de vários talentos esportivos

femininos, vale registrar que essas conquistas resultam muito mais do esforço individual e de pequenos grupos de mulheres (e também de homens) do que de uma efetiva política nacional de inclusão das mulheres no âmbito do esporte e das atividades de lazer (Goellner, 2005a, p. 97).

Sintomaticamente, observa-se que o futebol feminino é subvalorizado não apenas pelo poder público, mas, pela própria mídia, desde a década de 1930 (Mourão; Morel, 2005), cuja cobertura sempre foi significativamente inferior ao futebol masculino. É como se as atletas de futebol existissem somente em períodos que antecedem megaeventos esportivos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo Feminina, por exemplo.

Nesse contexto, pode-se articular que a temática do futebol feminino é atual e socialmente relevante para o campo da Educação Física e dos Esportes, visto que existem poucas produções científicas que abordam essa prática esportiva como objeto de estudo (Ferreira *et al.*, 2021). Segundo advertido por Rubio e Simões (1999), o aumento do número de mulheres que praticam futebol no Brasil está longe de significar o fim do preconceito de gênero, justificando a necessidade de investigarmos como ocorre, por exemplo, a iniciação das mulheres no futebol e a sua profissionalização, incluindo as possíveis barreiras e desafios enfrentados nesta trajetória.

Com efeito, a partir da compreensão de que as nossas atletas precisam ser mais reconhecidas e valorizadas, emergiu a problemática que deu vida a esse estudo, a saber: Como se caracteriza a trajetória esportiva de uma atleta no futebol feminino profissional?

Nesse sentido, estabelecemos como objetivo geral analisar a trajetória esportiva de uma atleta no futebol feminino profissional. Para alcançar o objetivo supracitado, por sua vez, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Identificar as motivações e/ou que limitações inerentes à iniciação no futebol feminino; descrever os principais passos da transição do futebol amador para o profissional; conhecer quais são os principais desafios enfrentados para permanecer

atuando profissionalmente no futebol feminino; verificar se há algum planejamento pós-carreira.

Com base no exposto, este estudo justifica-se em virtude da necessidade de dar visibilidade aos aspectos socioculturais que permeiam a trajetória esportiva de uma atleta de futebol profissional, com destaque para as questões de gênero e as dificuldades enfrentadas desde a iniciação esportiva até a sua inserção no futebol profissional.

Aspectos metodológicos

Este estudo caracteriza-se pela História Oral, cujas narrativas de memória possibilitam espaços de fala para aqueles que foram negligenciados de alguma forma pela sociedade, proporcionando, assim, uma maior visibilidade para suas histórias de vida (Santos; Silva, 2016). Trata-se de uma metodologia calcada não apenas no resgate da experiência do sujeito da pesquisa, mas, na sua constituição em um determinado lugar social, contemplando as relações e reações em face da experiência relatada (Esquinsani, 2012).

De acordo com Alberti (2005, p. 165), “[...] uma das principais riquezas da história oral está em permitir o estudo de como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”. Para tanto, recorreremos a abordagem qualitativa, atribuindo o meio social como principal veículo de informações e o investigador como peça central da pesquisa (Demo, 1998).

Com efeito, não buscamos nesse trabalho uma representatividade numérica, mas, pistas em torno do significado das vivências que atravessam o âmbito esportivo de alto rendimento, as quais são carregadas por um conjunto de valores, crenças, atitudes, motivações e expectativas. No caso da presente pesquisa, focalizamos os relatos no tocante aos âmbitos pessoal e profissional de uma atleta de futebol feminino, cujas experiências teriam grandes chances de serem ignoradas

ou silenciadas por perspectivas macros, sobretudo, por se tratar de uma mulher. Conforme problematiza Duby e Perrot (1990), será que as mulheres que viveram durante muito tempo voltadas ao silêncio da reprodução materna, na sombra da domesticidade, terão mesmo uma história?

Como resposta à provocação acima e considerando a importância de resgatar as memórias silenciadas das mulheres, reconhecendo-as como sujeitos ativos na construção de sua identidade e na integração com a vida coletiva (Tedeschi, 2014), a presente pesquisa se debruçou sobre a história de vida da atleta Tatyane Amaro Santos⁴, goleira do Cruzeiro Esporte Clube. Por isso, com a devida anuência da mesma, optou-se pela renúncia do anonimato. De todo modo, é importante salientar que foram obedecidos os devidos procedimentos éticos relativos à pesquisa científica no campo das Ciências Humanas, com a entrega do TCLE para a atleta que representou o sujeito do presente estudo.

A fim de servir como norte no processo de entrevista, foi construído um roteiro com alguns temas geradores correlatos à trajetória da referida atleta no futebol, desde a sua iniciação esportiva até as suas perspectivas futuras (pós-carreira atlética). O contato inicial com a atleta se deu a partir de aplicativos de comunicação e troca de mensagens (*Instagram e WhatsApp*).

Em consonância com os procedimentos éticos relativos à pesquisa científica no campo das Ciências Humanas, encaminhamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a atleta, que nos encaminhou de volta devidamente assinado, atestando o seu consentimento para participar do estudo. Posteriormente, devido ao fato de a atleta morar em outro estado e de sua agenda de jogos e treinos estar

⁴ A escolha dessa atleta justifica-se por sua trajetória no futebol, incluindo a experiência de jogar em um clube Tocantinense com a autora do referido trabalho, cujo contato representou um ganho operacional para investigar o nosso objeto de estudo. Em virtude dos pressupostos metodológicos adotados e da anuência da entrevistada, optamos pelo não anonimato, para que o(a) leitor(a) possa conhecer a sua trajetória, quiçá, inspirar-se nela.

sempre lotada, nós optamos por utilizara plataforma virtual *Google Meet* para proceder com a entrevista, no dia e horário escolhido pela entrevistada.

A entrevista temática seguiu um modelo mais flexível e que possibilitou uma interlocução mais dinâmica. Assim, durante todo o processo, buscou-se incentivar a entrevistada a narrar livremente a sua história em relação aos tópicos supracitados, de tal modo que, em alguns momentos, foi necessário intervir, solicitando-a para destrinchar um pouco mais sobre um assunto que requeria maior aprofundamento.

Cumpre-nos salientar que esse diálogo foi gravado para posterior descrição, garantindo uma melhor precisão do que foi relatado pela atleta, a qual teve acesso ao documento na íntegra, a fim de conferir se todas as informações descritas estavam corretas. Com a anuência da entrevistada, passamos para o passo seguinte: apresentar, analisar e discutir os dados. Para tanto, recorreremos à técnica Análise de Conteúdo, sob a teoria desenvolvida por Bardin (2016), a qual estrutura-se em três fases: 1) pré-análise (com a leitura flutuante da entrevista); 2) exploração do material (com o processo de categorização); 3) tratamento dos resultados (com as inferências e a interpretação dos dados).

Apresentação, análise e discussão dos dados

Em consonância com o objetivo da presente pesquisa e com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Bardin (2016), emergiram um total de quatro categorias temáticas, quais sejam: 1- Inicialização esportiva: a disputa de gênero; 2- Primeiros passos em direção ao futebol profissional; 3- O papel do incentivo e da inspiração; 4- Futebol amador x profissional: a transição.

Inicialização esportiva: a disputa de gênero

O processo de iniciação esportiva da entrevistada ocorreu no interior do Goiás, mais especificamente na sua cidade natal, chamada de

Uruaçu. Seu primeiro contato com o mundo esportivo aconteceu no ambiente escolar, através das aulas de Educação Física, cujo professor relutava em deixá-la participar, uma vez que ela era única menina no meio dos meninos. Quanto a esse ponto, a entrevistada relata:

Em relação a ser a única menina na escola a jogar, os meninos queriam que eu jogasse porque eu era boa, mas os professores não deixavam, eu sempre fui muito para frente, então eu sempre achava uma maneira de participar, eu era a dona da bola (risos) como é que eu ficava fora? (risos). Era meio que assim, ou eu era dona da bola, ou era dona de alguma coisa, ou era líder de algo para eu não ficar de fora, eu tinha que está ali no meio, então acabava que isso ajudava (risos), era a estratégia que eu tinha desde nova (Tatyane Amaro).

Percebe-se que a participação da entrevistada na prática do futsal não ocorria por intermédio do planejamento pedagógico do respectivo professor. Ao contrário, ocorria apesar dele. De acordo com Altmann (2015), por mais que as meninas tenham buscado ao longo dos anos resistir a supremacia masculina em relação à ocupação de espaços no âmbito escolar, o domínio por parte delas só acontecia no tocante às atividades não esportivizadas, praticadas comumente em lugares como o pátio da escola. A partir disso, pode-se articular que a dificuldade da mulher em se inserir nas práticas esportivas, mais especificadamente no futebol, favoreceu a hegemonia masculina nesse desporto.

Além disso, destaca-se que mesmo quando as meninas conseguiam praticar o futebol, a imagem passada por esse esporte tem como representatividade a masculinidade. Sendo assim, denominadas “Marias-Homem”, ao cruzarem essa barreira de gênero imposta nas escolas, elas precisavam de táticas que favorecessem sua inserção naquele meio, como por exemplo, chegar na quadra antes que os meninos (Altmann, 2015). Já a nossa entrevistada, por sua vez, aproveitava-se do privilégio de ser a dona da bola, além de ter uma aptidão física satisfatória para praticar tal esporte, ganhando, destarte, uma aceitação dos meninos.

O estudo desenvolvido por Altmann e Reis (2013) corroboram tais dados, ao apontarem que as meninas que possuem maiores habilidades

com a bola, de fato, são aquelas que dispõem de melhor aceitação dos meninos no meio futebolístico, garantindo acesso livre em um espaço predominantemente masculino. Nesse caso, os atritos relacionados à diferença de gênero eram resolvidos quando elas demonstravam resistência a dor e desenvoltura com a bola no decorrer das partidas de futebol.

Primeiros passos em direção ao futebol profissional

Conforme mencionado anteriormente, o processo de iniciação no mundo futebolístico da entrevistada mantém relação direta com o ambiente escolar, chegando inclusive a disputar campeonatos. Outros marcos importantes estão relacionados à sua participação em algumas peneiras⁵. A primeira delas, em um time da cidade, no qual ela começou a treinar diariamente. Na ocasião, ela morava na zona rural e tinha que enfrentar algumas dificuldades para chegar aos treinos, tal como ilustrado no relato a seguir:

Eu iniciei com o futsal na minha cidade, no interior de Goiás, jogando na escola mesmo, aí depois eu fui jogando campeonatos pelas escolas, fui mostrando futebol, o pessoal foi gostando, até que eu fiz uma peneira no time da cidade, passei e comecei jogar futsal, nessa época eu tinha acho que uns 10, 11 anos, eu jogava na linha, não jogava nem no gol ainda e aí as coisas foram acontecendo, eu fui treinando, fui treinando, fui pegando gosto, eu morava na fazenda na época, eu tinha que ir todos os dias para a cidade, meu pai me levava, ou eu pegava carona, eu ia até no próprio ônibus escolar da zona rural (Tatyane Amaro).

De acordo com Borges *et al.* (2007), a busca da mulher por espaços, seja ele profissional ou esportivo foi marcada por luta, resistência e perseverança. Ora, essas três palavras parecem descrever muito bem a trajetória da entrevistada, pois, se não fosse sua iniciativa e constância

⁵ Refere-se a seletivas organizadas por clubes de futebol para a descoberta de novos talentos para integrarem a sua categoria de base, geralmente com faixa-etária até 18 anos.

difficilmente teria conseguido lograr êxito no futebol profissional, o que, aliás, foi apontado por ela como um desejo antigo que começou a materializar-se mais claramente a partir da sua participação e aprovação nas peneiras.

Segundo a entrevistada, houve um período em que ela fez um teste em um clube de futebol feminino do interior do Goiás, chamado Aliança F.C. Trata-se do maior campeão goiano da categoria feminina. Ela mencionou que na época ainda estava indecisa sobre qual posição iria jogar, pois gostava muito de atuar em campo mostrando suas habilidades com os pés. Contudo, como havia poucas goleiras, o técnico do time pediu para que ela jogasse o primeiro tempo do teste na linha e o segundo no gol, ela conseguiu marcar 4 gols na primeira etapa. No período seguinte realizou boas defesas, ajudando seu time a empatar a partida.

Para a entrevistada, logo após a partida, o referido treinador chamou-a no canto para elogiar o seu desempenho nas duas etapas do jogo, deixando-a livre para escolher se gostaria de ser atacante ou goleira, mas, ao mesmo tempo, deixando claro que a necessidade mais urgente do time para o campeonato goiano seria na posição de goleira, garantindo-lhe nesse caso, a titularidade. Eis a primeira grande decisão que a entrevistada precisou fazer em prol da sua carreira atlética, optando por atuar debaixo das traves.

Ora, como diria uma máxima do futebol: “todo bom time começa com um bom goleiro”. Nesse caso, uma boa goleira. Consiste em uma posição que tem como tarefa primária evitar que o principal objetivo de um jogo de futebol aconteça: o gol. Sintomaticamente, essa difícil missão exige condições especiais do(a) atleta que irá ocupar tal posição (Carlesso, 1981), as quais atravessam não apenas as capacidades físicas e técnicas específicas, mas, também questões de ordem emocional. De acordo com Gallo *et al.* (2010), em uma equipe de futebol o goleiro é um dos que mais se destacam em campo, visto que seu desempenho em uma única jogada pode influenciar diretamente no resultado de todo o jogo.

O papel do incentivo e da inspiração

Segundo apontado pela entrevistada, sua mãe não a apoiava a praticar futebol. Entretanto, desde quando ela tinha por volta de cinco anos de idade, seu pai jogava campeonatos e sempre a levava para assistir os seus jogos, percorrendo com ela cerca de 10km de bicicleta, afirmando com apreço que ele foi seu maior exemplo no mundo futebolístico.

Conforme pontuado no estudo de Rosa *et al.* (2020), ainda há muitas pessoas que são contra o fato das mulheres praticarem futebol, incluindo membros da própria família. Deste modo, as mulheres podem sentir-se desencorajadas a praticarem esporte antes mesmo de pensarem em entrar para um time/clube de futebol, tamanho o preconceito que vivem cotidianamente. No caso da entrevistada, observa-se que esse preconceito ocorria principalmente por parte da sua mãe, enquanto o seu pai lhe incentivava, atuando como um importante contraponto.

Com efeito, pode-se articular que o meio em que estamos inseridos pode contribuir diretamente com a nossa escolha profissional. A influência da família, por exemplo, tanto direta quanto indiretamente é capaz tanto de beneficiar quanto atrapalhar nesse processo, podendo acarretar a construção sólida de um futuro profissional. Ora, se a base familiar pode representar um importante fator de influência na adesão (ou não) das mulheres à prática esportiva (Sousa; Farias; Souza, 2023), é possível inferir que tal influência traz desdobramentos para o âmbito da profissionalização, sobretudo, por se tratar de um espaço historicamente masculinizado.

Assim, apesar de haver uma expectativa dos familiares em relação a essa escolha, há uma busca intrínseca de apoio nesse processo de formação e é exatamente nesse ponto que se busca um equilíbrio de concepção e desejos (Almeida; Pinho, 2008). Para além da influência familiar, destaca-se, no relato da entrevistada, o seu entusiasmo ao

mentonar sobre a importância de um treinador que ela teve no início da sua trajetória, conforme ilustrado a seguir:

Eu tive um treinador que sempre me incentivou bastante, além de me treinar, ele pagava minhas passagens para eu ir treinar, ele me dava alimentação, é um cara assim, que sempre me incentivou bastante, ele sempre falava “Taty, vamos sair dessa roça aí e vamos virar jogadora” ele sempre falava isso (Tatyane Amaro).

Nesse sentido, percebe-se que o incentivo do referido treinador foi representado não apenas pelo que Jackson, Mayochi e Dover (1997) denominam de “suporte social”, mas, também por um aporte financeiro, pagando suas passagens para ir aos treinos e fornecendo alimentação. A psicologia do esporte enfatiza que essa relação emocional, afetuosa e de comprometimento entre treinador e atleta pode resultar em um melhor desenvolvimento esportivo, sendo vista como um vínculo de caráter decisivo (Tavares *et al.*, 2021).

Ainda no que diz respeito a inspiração, a entrevistada menciona também alguns atletas consagrados do futebol. Dentre eles destaca-se o jogador da seleção Portuguesa “Cristiano Ronaldo”, apontado como seu modelo de desportista, devido ao comprometimento do jogador de alimentar-se bem, descansar, buscar está sempre evoluindo, sem perder o foco, uma vez que é algo que ela está buscando para sua vida. Outro nome de destaque diz respeito ao futebol feminino. Sobre seu modelo de representatividade no futebol feminino a atleta relata:

Eu antigamente gostava muito da Hope Solo, mas eu não sabia nada dela assim como pessoa, sabia dela como goleira né, que ela era a goleira dos Estados Unidos, e algo que sempre fiz foi buscar ver vídeos dela, das suas atuações e grandes defesas, era algo que me motivava bastante como modelo de goleira (Tatyane Amaro).

Com efeito, apesar do notório crescimento da participação feminina no universo futebolístico nos últimos anos, incluindo uma visibilidade internacional conquistada pela seleção brasileira, sabe-se que o universo

do futebol continua sendo hegemonicamente um território masculino (Gastaldo *et. al.*, 2005). Desta forma, nos chama a atenção o fato de a entrevistada também ter mencionado uma atleta mulher como inspiração, embora ela não seja brasileira.

No estudo de Rosa *et al.* (2020), realizado com 47 praticantes de Futebol, também se observou a menção de algumas atletas mulheres (Marta, Formiga e Bárbara) dentre o total de 20 ídolos citados pelas participantes da pesquisa. Entretanto, apesar da quantidade aparentemente desigual, os autores identificaram que a brasileira Marta foi citada pelo maior número de pessoas.

Sintomaticamente, tal dado demonstra que as mulheres têm conquistado significativos avanços no Futebol, tal como também se verifica em outras instâncias sociais, a partir de uma trajetória marcada por um conjunto de resistências contra os preconceitos e de lutas pela garantia de direitos que são (ou que deveriam ser) comuns a todas e todos. Conforme assinalado por Piscitelli (2002), por exemplo, desde as décadas de 1920 e 1930, as mulheres têm conseguido romper com algumas das expressões mais agudas de sua desigualdade em termos formais ou legais, com destaque para a garantia de direitos como o voto, a propriedade e o acesso à educação [bem como o acesso ao esporte].

Não obstante, no que se refere ao universo do Futebol, mais especificamente, é preciso reconhecer que ainda não houve a consolidação de um espaço plenamente democrático, no qual as mulheres possam protagonizar conquistas no exercício profissional com a devida valorização e reconhecimento, de forma análoga ao que ocorre com os homens, contrastando, por exemplo, com o que países como os Estados Unidos atribuem à prática deste esporte para as mulheres (Moura, 2005).

De fato, é perfeitamente possível perceber que o devido incentivo, reconhecimento e valorização atribuídos à prática do futebol feminino pode reverberar para o próprio êxito em competições internacionais. Novamente o exemplo dos Estados Unidos parece-nos ser deveras

emblemático, sobretudo, se considerarmos que a seleção estadunidense não apenas é a única a vencer duas edições da Copa do Mundo de Futebol Feminino, como também é a única que esteve entre as três primeiras colocadas em todas as edições deste megaevento, desde a sua primeira edição, em 1991, até o presente momento.

Já no Brasil, por sua vez, pode-se constatar que tal incentivo, reconhecimento e valorização do futebol feminino seja por parte do estado, dos meios de comunicação de massa e da própria população ainda se encontra em um caráter incipiente, cujas conquistas muitas vezes ficam à cargo de talentos e inspirações individuais. Aqui, novamente é oportuno fazer menção à atleta Marta, a qual pode ser considerada como uma das maiores atletas de futebol de todos os tempos em virtude dos seus prêmios individuais. Ela foi eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo pela FIFA (cinco delas de forma consecutiva) e se tornou a primeira pessoa (entre homens e mulheres) a marcar gols em cinco edições consecutivas dos Jogos Olímpicos.

Entretanto, em que pese a visibilidade que os referidos prêmios conferiram à Marta e, por extensão, ao futebol feminino brasileiro, Januário (2017) identificou que tal jogadora é retratada nas matérias dos portais de notícia apenas como uma admirada atleta de alta performance e nunca como uma super celebridade, tal como ocorre, por exemplo, com os atletas homens. Ou seja, apesar do foco relacionado ao futebol feminino concentrar-se em torno da referida atleta, ela não chega nem perto de ter o reconhecimento, apoio e valorização que um jogador em ascensão no futebol masculino possui (Januário, 2017). Destarte, é preciso reconhecer que:

Entre rupturas e permanências, a mulher faz a sua história nesta modalidade esportiva, sendo que a historiografia oficial quase que se limita a engrandecer os clubes ou atletas que marcaram a história do futebol feminino. Como se na história do futebol brasileiro não houvesse, há algum tempo a participação das mulheres (Magalhães, 2008, p. 35)

De forma sintomática, observa-se que, embora esteja atualmente um pouco mais estruturado e visível, a profissionalização em alto nível do futebol feminino no Brasil ainda está distante do que ocorre em outros países ou até mesmo do que pode ser verificado na modalidade masculina neste país (Goellner, 2020).

Futebol amador x profissional: a transição

A transição do futebol amador para o profissional não costuma ser um processo simples para os atletas, pois envolve muitas variáveis não controladas por eles. E no que diz respeito a nossa entrevistada, a complexidade inerente a este processo inclui o fato de que alguns clubes em que ela jogou eram considerados profissionais mesmo não tendo o reconhecimento legal e/ou formal, tal como ilustrado no excerto abaixo:

Quando eu entrei no amador a gente vai muito com a cara e com a coragem, é meio que tipo assim “faz o que dá”, faz o que dá vê o que é que dá, você gasta bastante também. Eu tinha uns 22 anos mais ou menos, quando eu passei para o profissional, e foi um choque, porque eu já havia jogado em muitos times que eram considerados profissionais, mas eu não tinha contrato profissional, não era CLT⁶, não era carteira, não era registrado, então, era profissional só de fala e quando fui para o Corinthians minha cabeça mudou muito em relação a isso (Tatyane Amaro).

De fato, conforme pontuado por autores como Benites, Barbieri e Souza Neto (2007), o processo profissionalizante do futebol não é algo muito claro, pois o uso da palavra profissional muitas vezes é utilizado de forma contrária a seu significado real, comumente empregada a pessoas que recebem uma remuneração pela prática desse esporte. Em contrapartida, jogadores amadores atualmente também são pagos para jogar, o que acaba confundindo essa terminologia e tirando a credibilidade de sua autenticidade no meio futebolístico.

⁶ Consolidação das Leis Trabalhistas, de forma coletiva ou individual.

Essa falta de legitimidade na terminologia da profissionalização do futebol acaba confundindo as pessoas que praticam esse esporte no decorrer de suas carreiras. No caso da entrevistada, os primeiros contatos em si com um clube de renome mundial foi um verdadeiro impacto em relação a tudo que ela já havia vivido durante a sua trajetória no universo futebolístico. A este respeito, a entrevistada destaca:

Quando fui para o Corinthians foi um choque, uma nova realidade, eu levei assim umas duas semanas para pegar a “responsabilidade”, de entender que horário é horário, que a alimentação tem que está toda certinha, que tudo que eu fazia, que eu achava que era bom poderia ser melhor ainda, então foi muito boa essa mudança sabe, esse estalozinho que eu tive, lá no Corinthians eu vi que realmente ser profissional não era mais uma brincadeira, que era algo sério (Tatyane Amaro).

Durante o processo de construção da carreira esportiva o(a) atleta tende a passar por diversas transições. No desenvolvimento da carreira profissional deve-se ter o máximo de dedicação e foco, isto é, para o(a) atleta que ambiciona alcançar o alto nível de rendimento é necessário submeter-se ao sacrifício de doar seu tempo integral e exaustivamente em prol da sua performance no esporte (Agresta; Brandão; Barros Neto, 2008; Brandão *et al.*, 2000). Nesse bojo, Souza (2020, p. 166) acrescenta que a opção dos(as) atletas por tal carreira implica

[...] na adoção de um estilo de vida cujo esporte de alto rendimento é o elemento estruturante das suas práticas cotidianas: comer, dormir, treinar, competir, descansar etc. Com efeito, isto inclui, por exemplo, o aprimoramento de determinados aspectos capazes de fazer com que o atleta se torne um melhor competidor – busca pela excelência –, o que fatalmente exige-lhe “abrir mão de muitas coisas”.

Há um outro ponto que emergiu na entrevista e que também parece-nos ser digno de nota. Trata-se dos recursos materiais e da estrutura física que um grande clube de futebol disponibiliza para o seu elenco, sendo apontado por Tatyane como algo que a impressiona e que,

de alguma maneira, a incentiva a seguir tal carreira, conforme ilustrado abaixo:

Estruturalmente falando, quando joguei no São José, foi o primeiro clube em São Paulo que eu joguei, o clube não tinha CT próprio, eles então alugavam os campos, a academia que íamos era comum. No Corinthians e aqui no Cruzeiro os clubes tem suas próprias academias. Os próprios centros de treinamento, aqui é tudo muito completinho, aqui temos toda a assistência, a mesma do masculino, temos plano de saúde, odontológico, quando nos machucamos fazemos o tratamento com os mesmos médicos que tratam os jogadores do profissional. No Palmeiras, a estrutura era assim, o campo na cidade e a academia “desgarrada” do CT, era fora (Tatyane Amaro).

O estudo realizado por autores como Costa *et al.* (2011) corrobora o dado supracitado, ao apontarem que a estruturação de um time de futebol é extremamente importante para o desenvolvimento esportivo, visto que esses recursos irão refletir diretamente tanto no aprimoramento, quanto na reabilitação de uma possível lesão de seus atletas, proporcionando-lhes maior segurança e confiança.

Um último ponto que nos chamou a atenção na entrevista refere-se à perspectiva de Tatyane sobre a sua futura aposentadoria no futebol feminino, a qual acarreta-lhe um sentimento de incerteza, pois embora o universo do futebol seja algo que faça parte de suas raízes, ela considera necessário priorizar outras possibilidades profissionais, tal como evidencia-se no excerto a seguir:

Eu penso um pouquinho nisso [seguir no esporte pós carreira atlética], mais isso é um plano B [...] porque acredito que ainda tenha “muita água para rolar” (risos), mas eu penso em algumas coisas, não somente na área do esporte, eu penso em coisas fora, eu gosto muito da área do campo, do meio rural, do agronegócio e da agropecuária então eu penso mais em algo assim, eu não penso muito em seguir pelo esporte, mais talvez quem sabe (Tatyane Amaro).

Com base no relato supramencionado, observa-se que apesar de não descartar a possibilidade de seguir no campo esportivo logo após

“pendurar as chuteiras”, a nossa entrevistada também não a considera como a sua primeira opção, provavelmente por conta da árdua rotina de treinos, jogos, holofotes etc. que fazem parte desse universo e que, de certa forma, promovem um desgaste físico e emocional para todos e todas que dele fazem parte.

De todo modo, destaca-se que um planejamento pós-carreira é algo fundamental para atletas de alto rendimento, sobretudo, ao considerarmos que tal carreira é relativamente curta, cuja aposentadoria ocorre por volta dos 40 anos de idade, período em que tais sujeitos ainda estariam altamente produtivos em outras profissões (Campos; Cappelle; Maciel, 2017). Ora, levando em conta que essa aposentadoria possa vir bem antes do esperado ou de forma natural como, por exemplo, queda de rendimento, idade, lesão, faz-se necessário ter um planejamento adequado para uma eventual necessidade (Galatti *et al.*, 2021).

Apito final

Alcançar a elite do futebol é algo que a maioria dos(as) jovens atletas ambicionam no início de suas carreiras e apesar de esse esporte ser considerado majoritariamente masculino, as mulheres ao longo da história vêm conseguindo quebrar as barreiras sexistas que o envolve. A realização desse trabalho possibilitou analisarmos diferentes aspectos socioculturais inerentes a trajetória esportiva da atleta Tatyane Amaro, focalizando as questões de gênero e as dificuldades enfrentadas desde os seus primeiros passos no esporte até a sua inserção e permanência no futebol profissional. Nossa abordagem, portanto, privilegiou a compreensão da referida atleta como sujeito da sua própria história.

Os resultados apontaram que desde o início da sua vida esportiva a entrevistada já precisava lidar com questões de gênero no seio familiar e também dentro da escola. Observou-se que mesmo sem o apoio de alguns membros da família, bem como de alguns sujeitos escolares, ela não desistiu de ser uma atleta profissional de futebol.

Observamos, ainda, que o apoio e a influência de um treinador podem mudar a vida de uma atleta e os grandes ídolos podem ser um incentivo determinante nessa trajetória. Constatou-se que Tatyane passou por diversos processos de transição até chegar na categoria profissional, onde a questão da estrutura nos clubes de futebol feminino também se apresenta como um fator decisivo para a continuidade ou desistência de tal carreira, bem como a necessidade de se pensar para além das quatro linhas de campo e investir em um futuro pós carreira.

Assim, conclui-se que, para ser uma atleta de alto rendimento e conseguir alcançar a elite do futebol profissional feminino, é necessário não apenas o interesse pela prática esportiva, mas, é preciso que haja um investimento financeiro e também um investimento nos aspectos correlatos à performance física, incluindo virtudes como dedicação, persistência e resiliência para lidar com as barreiras inerentes à referida carreira.

Deste modo, como desdobramento, sugere-se a continuidade de pesquisas que abordem a história de vida de outras atletas, enfocando, por exemplo, a luta das mulheres pelo acesso igualitário à prática o necessário fortalecimento do aspecto emocional para lidar com preconceitos enraizados no universo do futebol.

Porquanto, cumpre-nos destacar que, por mais que nas últimas décadas este esporte venha se tornando mais acessível para as mulheres (sobretudo, em virtude de muitas lutas travadas ao longo da história), ainda há muito o que ser feito para que o seu acesso se torne mais democrático, dirimindo as desigualdades de gênero que o atravessam. Destarte, o presente estudo pode contribuir para refletirmos sobre a realidade de mulheres no “país do futebol”, além de evidenciar o fato de que as nossas atletas precisam ser mais reconhecidas e valorizadas. Afinal, futebol também é coisa de mulher.

REFERÊNCIAS

- AGRESTA, Marisa cury; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; BARROS NETO, Turíbio Leite. Causas e consequências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 14, n. 6, p. 504-508, 2008.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSK, Carla B (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.
- ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba; PINHO, Luís Ventura. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 2, p. 173-184, 2008.
- ALTMANN, Helena. Marias (e) Homens nas Quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. *Educação & Realidade*, v. 24, n. 2, p. 157-173, 2015.
- ALTMANN, Helena.; REIS, Heloísa Helena Baldy. Futsal feminino na américa do sul: trajetórias de enfrentamento e de conquistas. *Movimento*, v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENITES, Larissa Cerignoni; BARBIERI, Fabio Augusto; SOUZA NETO, Samuel de Souza. O futebol: questões e reflexões a respeito dessa "profissão". *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 51-68, 2007.
- BORGES, Carlos Nazareno Ferreira *et al.* Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino. *Movimento*, v. 12, n. 1, p. 105-131, 2007.
- BRANDÃO, Maria Regina Ferreira *et al.* Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, São Caetano do Sul, v.8, n.2, p.49-58, 2000.
- BRUM, Monique Ferreira; NASCIMENTO, Diego Ramos; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Trajetória profissional das atletas da seleção brasileira de futebol feminino. *Arquivos em movimento*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 95-110, jul./dez. 2019.
- CAMPOS, Rafaela Cristina; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MACIEL, Luiz Henrique Rezende. Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 18, p. 31-41, 2017.

CARLESSO, Raul Alberto. *Manual de Treinamento do Goleiro*. Rio de Janeiro. Palestra, 1981.

COSTA, Varley Teoldo *et al.* Fases de transição da carreira esportiva: perspectiva de ex-atletas profissionais do futebol brasileiro. *Conexões*, Campinas, SP, v. 8, n. 3, p. 84–103, 2011.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente: A Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. *Revista latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abr. 1998

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. *Educação e Pesquisa*, v. 38, p. 217-228, 2012.

FERREIRA, José Ricardo Lopes *et al.* Perspectivas sobre as mulheres no campo do futebol/ futsal feminino: o que as pesquisas nos Periódicos nacionais evidenciam. *Motrivivência*. Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 01-14, 2021.

GALATTI, Larissa Rafaela *et al.* A. Trajetória no basquetebol e perfil sociodemográfico de atletas brasileiras ao longo da carreira: um estudo com a liga de basquete feminino (LBF). *Movimento*, v. 27, 2021.

GALLO, Carlos Roberto *et al.* A. Análise das ações defensivas e ofensivas, e perfil metabólico da atividade do goleiro de futebol profissional. *Conexões*, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 16–37, 2010.

GASTALDO, Édison Luis *et al.* Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica. *Cadernos IHU Idéias*, São Leopoldo, v. 3, n. 43, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Futebol de mulheres: histórias, memórias e desafios. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. *Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas*. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 21-28.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005b.

JACKSON, Susan; MAYOCCHI, Lisa; DOVER, Jeremy. Life after winning gold: II. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, v. 20, p. 139-155, 1997.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. *FuLiA*, UFMG, v. 2, n. 1, p. 28-43, 2017. Dossiê A performatividade do futebol na cultura.

MAGALHÃES, Sandra Leticia Ferreira. Memória, futebol e mulher: anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense (1980-2007). *Recorde: Revista de História de Esporte*, v. 1, n. 2, p. 1-39, 2008.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. IN: DAOLIO, Jocimar. *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 26, n. 2, p. 9-20, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. M. et al. (org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas, IFCH: UNICAMP, 2002. p. 7-41.

ROSA, Marcelo Victor et al. Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. *Gênero*, v. 21, n. 1, p. 190-218, 2020.

RUBIO, Kátia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadores a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres, *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 50-55, 1999.

SANTOS, Silva Marli Tavares; SILVA, Elisabete Rodrigues. Entre narrativas e memórias: o caminho metodológico da história oral nas pesquisas em enfermagem. *Revista Textura*, v. 9, n. 17, p. 97-106, 2016.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; CARNEIRO, Kleber Tüxen; SILVA, Marisa Soares. Entre memórias e histórias: O percurso do futebol feminino em Cárceres-MT. *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-26, 2016.

SOUSA, Juliana Bezerra; FARIAS, Mayrhon José Abrantes; SOUZA, Adriano Lopes. Futebol é coisa de quem quiser? Uma análise da

inserção feminina na prática esportiva em Tocantinópolis-TO. *Revista da Alesde*. Curitiba, v. 15, n. 1, p. 22-38, 2023.

SOUZA, Adriano Lopes. “*É como se fosse uma olimpíada de verdade*”: sentidos construídos por atletas de elite nos Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires 2018. Tese (Doutorado. em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

SOUZA, Gustavo Lopes Pires; RAMALHO, Carlos Santiago da Silva. Futebol feminino: Espaço em construção. *Acta Jurídica Peruana*. v.3, n.1, p. 75-91, 2021.

TAVARES, Mayara de Almeida *et al.* Relação treinador-atleta e a experiência positiva de jovens no esporte extracurricular. *CPD*, Murcia, v. 21, n. 1, p. 146-161, 2021.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres*. Dourados, MS: EDUFGD, 2014.